

HÁ QUE SE ENRIJECER, MAS PERDER A TERNURA, JAMAIS

Uma Trajetória: Geografia, AGB e Cidades Médias

Entrevista com a Professora Beatriz Soares Pontes^{*}
Entrevistador: William Ribeiro da Silva^{**}

(Entrevista realizada em julho de 2004, em Goiânia-GO, durante a realização do X Congresso Brasileiro de Geógrafos).

William Ribeiro da Silva: Em primeiro lugar eu gostaria, mais uma vez, de agradecer a sua atenção e disposição de colaborar com a nossa Revista Formação, do Programa de Pós-graduação da UNESP de Presidente Prudente-SP, e gostaria de iniciar pedindo para que comentasse um pouco de sua trajetória na Geografia e os caminhos que a levaram a estudar as cidades médias.

Betritz Soares Pontes: Eu iniciei minha carreira universitária, propriamente dita, depois de formada, quanto tive uma rápida passagem pela PUC de São Paulo, mas eu somente fiquei por um ano, dando a disciplina Geo-história, para os alunos de História. Lembro-me que foi uma grande chance de entrar e discutir plenamente toda aquela parte histórica das cidades de Minas Gerais. Era uma turma muito envolvida e muito atenta. Então foi um período extremamente rico e muito mais envolvido com questões de preservação do patrimônio, da arte em nível de detalhe. Não era uma experiência genuinamente geográfica. Isso somente me surgiu em

^{*} Geógrafa, Mestre em Geografia pela Universidade de Paris I, Doutora em Geografia pela Universidade de São Paulo e pela Universidade de Paris I (Sorbone). Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Ex-presidente da AGB Nacional, Ex-diretora da AGB, nas seções locais de João Pessoa e de Presidente Prudente. Atualmente diretora da AGB, seção local de Natal.

^{**} Doutorando em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista, campus de Presidente Prudente. williamribeiro@hotmail.com

outra ocasião, tendo início com o professor Aziz Ab'Saber, no decorrer de uma aula, quando eu estava no segundo ano, numa aula de Geomorfologia do Brasil. Naquele momento eu me concentrava numa discussão de toda Geografia nordestina e ele percebeu que eu estava prestando mais atenção do que o habitual e, então, me perguntou sobre o motivo. Eu respondi que precisava estudar muito sobre tudo daquela região, porque depois de formada eu não tenho a menor dúvida de que vou trabalhar no nordeste para contribuir com o Brasil num lugar onde poderei dar uma maior contribuição. O professor sorriu na hora e disse: - eu acredito que você ficará por aqui, constituirá sua família por aqui. Ele não demonstrou que estivesse acreditando naquilo que eu estava dizendo.

William Ribeiro da Silva: Para nos situarmos no tempo, em qual ano foi esta aula?

Betritz Soares Pontes: Foi em 1958, porque em 1962 eu estava na PUC e, no início de 1963 é que eu cheguei em casa e minha mãe disse que o professor Aziz Ab'Saber havia telefonado e dito que eu deveria comparecer a Secretaria da PUC de São Paulo, que ele estaria lá a minha espera, pronto para fazer uma proposta. Então me encontrei com ele, quando me disse: - Você está lembrada daquele seu projeto de ir ao nordeste trabalhar? Eu quase não me lembrava de ter dito isto a ele, mas disse que me lembrava muito bem. Então, ele me disse que desde que chegou aqui, o professor Milton Paiva está pensando em formar um departamento de Geografia em João Pessoa e veio a São Paulo para procurar pessoas que estivessem dispostas a passar por um processo seletivo, uma espécie de um concurso público para construir o Departamento de Geografia daquela cidade. Eu disse que aceitava imediatamente. Ele me aconselhou a perguntar aos meus pais se eles me autorizariam, pois era recém-formada. Mas eu disse a ele que não haveria problema, pois assim que comunicasse aos meus pais que iria para o nordeste eles concordariam sem problema algum.

Então fomos conversar com o Milton Paiva. Fui a Paraíba, passei na seleção e comecei a trabalhar na Universidade Federal da Paraíba. Era a fundação do departamento e também eu já era aquela altura AGBEANA, desde o segundo ano da faculdade. Então, eu conversei com meus pares da Paraíba sobre a possibilidade de fundarmos uma seção local da AGB. Aquela altura você tinha que solicitar o aval para Pernambuco, porque eles tinham a incumbência de agilizar o surgimento das seções da AGB no nordeste. Eu mostrei meu desejo a UFPE - não houve nenhuma objeção - e assim foi instalada. Fiquei muito entusiasmada com o período que passávamos, havia muita participação dos estudantes e intelectuais sobre questões políticas e socioeconômicas. Eu resolvi estabelecer uma programação cultura da AGB que não contemplasse apenas a parte de pesquisa, através da qual começaríamos a desenvolver estudos geográficos sobre o Estado. Mas, também, uma programação que contemplasse uma programação internacional, como a Guerra do Vietnã etc. Começamos a discutir várias questões, importantes para o país, inclusive a Guerra do Vietnã. Então, estas discussões podem ter chamado mais atenção, até que nos envolvemos muito com o projeto das ligas camponesas - 1963 - começamos a nos integrar muito com esta questão e conhecer o que estava acontecendo.

Começamos a envolver mais pessoas em um projeto de desenvolver as idéias das ligas, foi quando que fui alertada de que estava num projeto muito arrojado para a época em que vivíamos. Mas eu não dei muita importância a isso, acho que porque era muito jovem. Mas quando chegou o período de 1967 e 1968, quando houve eleições para AGB e não surgiram nomes, eu voltei a coordenar a seção local. O período era ainda um momento difícil, um período de bastante repressão do Estado Militar. Mas coincidiu com outros aspectos, como o quadro internacional, que se tornara mais relevante na questão dos movimentos de emancipação nacional, de emancipação da África, movimentos libertários na Europa Ocidental, concentrados na França, como o movimento de 1968. Até mesmo um pouco antes se verificavam amplos debates sobre o regime socialista que eclodiu na primavera de Praga, um pouco antes desse período a que estou me

remetendo, mas que marcou profundamente aquele quadro de referências históricas e foi alvo de uma discussão amidiada, que prosseguiu algum tempo depois que as questões se tornaram marcantes pela repressão implementada pela URSS [União das Repúblicas Socialistas Soviéticas].

Eu estava altamente engajada no prosseguimento dos questionamentos da esfera socialista, corroborando com os movimentos de 1968, que incluíram discussões que tinham lugar na programação da AGB, com frequência quinzenal e que eram muito bem freqüentadas, não somente por pessoas da esfera geográfica, mas também por pessoas afins, do Instituto Central de Filosofia e Ciências Humanas, como filósofos que contribuíam muito com a questão. Foi então que o reitor me chamou. E disse: - estão começando a se verificar vozes concorrentes a você, considerando que você está discutindo fatos que são do desagrado do regime militar; você se opõe e questiona o regime militar e a aliança para o progresso para a paz. Então, percebe-se sua oposição e como você tem penetração muito grande entre os estudantes e entre vários de seus colegas. E a imprensa local acompanha esta movimentação intelectual e significa que tem uma ala que é a favor e outra que é contra. Entre os que são a favor, tem um famoso literato da Paraíba, seu colega de trabalho, que é o Virgínio Dalio Limbello [que prosseguiu como jornalista e literato que escreve no "Estado de S. Paulo"] e, talvez, por isso, ainda não houve nada para o seu lado.

E completou: - contudo, eu estou muito desagradado com esta situação e lhe digo que estou na eminência de lhe demitir da Universidade. Eu estou sendo pressionado para assim proceder. Mas resolvi lhe dar o direito de defesa. Essa defesa se dará no auditório da UFPB, onde eu vou chamar seus pares da Universidade, alunos e professores, a ouvirem tudo o que você tem a dizer sobre os projetos que tem junto a AGB e sobre tudo o que você pensa sobre os movimentos clandestinos, questionando a produção da questão social nordestina e tomando posição sobre questões internacionais, sobre temas que são defendidos amplamente pelo Estado Militar. Então, vamos ver como é que você vai se posicionar.

Eu disse que não tinha alternativa, senão dizer a verdade e não iria dizer outra coisa aos meus colegas. Então, eu poderia me defender sim, mas segundo meus ideais, expliquei sobre o que entendia do funcionamento da AGB e sobre as questões econômicas sociais e políticas, não somente do nordeste, mas do mundo como tal, porque nossa ciência tinha muito a ver com este quadro de referência e se não opinasse enquanto uma geógrafa, consideraria uma omissão imperdoável. Quando eu terminei minha fala, no anfiteatro, o reitor disse ao público, na frente dos meus alunos: - quem concordar que eu não demita a “Professora Bia” pode se levantar do auditório e sair atentamente. Eu que pensava que a comunidade da Paraíba iria me condenar, eu via a quase totalidade do auditório se levantar e sair silenciosamente. Todos os meus pares, alunos e professores, não necessariamente geógrafos.

O reitor tomou novamente a palavra e disse: - bom, eu acredito que a comunidade universitária decidiu para que você ficasse e como eu sou fiel ao que eu digo - você fica.

Mas os meus oponentes não se conformaram em deixar que o reitor prolongasse a discussão. Então, ele disse: - já dei a oportunidade à moça em se defender e, como pensava previamente, a comunidade universitária a defendeu. Embora eu pessoalmente não concorde com as opiniões dela. Finalmente, ele me disse: - você pode sair.

Para minha surpresa, os meus colegas e alunos que estiveram no mesmo recinto, em meu julgamento, me aguardaram e ficaram em silêncio. E eu, com os meus livros, fui embora para casa. E me lembro de todo o silêncio - não olhei, fui para casa e passaram-se uns quinze dias, quando eu estava dando aula, entraram três pessoas a paisana e disseram: - você está absolvida pela comunidade universitária, mas não pelas Forças Armadas, pois você está presa por discordar do projeto da revolução de 1964, você é subversiva e é uma pessoa que está atropelando a ordem estabelecida e, por conseguinte, considere-se presa. Então, que eu disse: - somente preciso avisar a chefia do departamento. Ele disse: - não! Você não vai avisar ninguém e me siga imediatamente.

Estes senhores me conduziram ao Agrupamento de Engenharia de João Pessoa, mais ou menos às 11 horas da manhã. É quando iam saindo alguns recrutas. Mas para perplexidade não somente dos recrutas, mas minha também, eu entrei naquele lugar ao lado de quatro homens armados e eu carregando somente livros. Eu fui conduzida para uma cela, sem ver nem a luz do sol nem a luz artificial, durante mais ou menos um mês e meio. Eu recordo que era uma coisa meio de enlouquecer porque era uma enorme escuridão, ninguém falava comigo e os dias se passando e eu sem saber o que ia acontecer comigo.

Então, resolvi fazer exercícios físicos naquela cela e realizar um balanço sobre a minha vida até aquele momento. Eu falaria em voz alta para tentar não me desanimar, fazendo um regate da minha vida até aquele presente momento. Eu dizia para mim mesma, quais os pontos que eu acertei, onde eu errei e onde deveria melhorar. E, assim, perdurou isso por muitos dias. Considero que foi o que conseguiu manter meu ânimo, pelo que vinha depois.

Agora imagine você, para uma pessoa que ficou aprisionada um mês e meio sem ver a luz e ser levada, encapuzada – sempre na escuridão. Inicialmente eles jogaram uma luz violenta acendendo e apagando em meu rosto. Eles queriam nomes de líderes estudantis, dos líderes das ligas camponesas, dos meus colegas que eram contra o regime militar. Como eles viam que eu não dizia nada, passaram à segunda etapa de tormento. Colocavam algumas agulhas em minhas costas até a cintura. Foi uma tarde inteira.

O que me impressiona é que, no meu entendimento, que não seria daquela maneira que poderiam retirar alguma coisa daquela pessoa, pois eu perdia sangue e não tinha viabilidade de estar prestando um depoimento, pois não tinha mais condições. Então, um deles disse: - eu acho que esta mulher vai morrer! Chame o capitão médico, imediatamente. Quando o mesmo chegou, disse: - acho que vocês enlouqueceram completamente. Essa moça está muito mal. Se ela não sair viva daqui, como é que vocês justificarão a saída de um caixão das dependências do Exército. Isso é um óbito. Como é que vai ficar a situação do Exército diante da magnitude de uma situação

destas. Vocês perderam completamente o juízo. Sugiro que vocês chamem imediatamente o general comandante para resolver esta questão.

Tem um general, Vinicius Nazaré Donatário: - o capitão médico disse que estamos dentro de uma situação muito delicada. Eu acho de bom senso o senhor tomar uma decisão. Eu estava escutando eles falarem. O general mandou suspender a tortura e mandou que o médico me levasse à enfermaria. Eu me lembro do médico, me carregando com as costas para cima, porque elas estavam tão machucadas, que qualquer coisa além da dor que eu já estava sentindo, acho que seria algo desesperante. Depois, eu não sei quanto tempo foi, [você perde a noção do tempo e do espaço]. Eu só lembro de um tempo, que eu não identifiquei que eu ouvi uma voz que era do capitão médico, e ele me disse: - Beatriz você tem condições de me ouvir? E eu disse a ele: - tenho. Eu vou lhe dizer, para eu conseguir tratar de você de maneira a recuperar suas costas, para ficar sem cicatrizes, eu vou ter que tomar uma medida draconiana. Eu vou ter que te amarrar. Porque senão conforme o tratamento, vai dar uma reação e você não vai agüentar e vai querer colocar as mãos nas costas e aí está perdido todo o meu trabalho de recuperação. Eu quero pedir sua autorização para lhe amarrar. E lhe aviso que vai ser uma segunda tortura. E eu lhe disse: - pode amarrar. Foi uma dor terrível. E foi mais ou menos um mês e meio para eu me recuperar. Aí, quando ele me viu um dia, que eu consegui me sentar, ele disse que considerava o que aconteceu um milagre. E disse que ele saiu de suas obrigações de militar porque tinha um compromisso com a pessoa humana e com a liberdade da pessoa humana: - e eu fui avisar a chefia de seu departamento porque percebi que o povo estava desesperado com seu desaparecimento, ninguém sabe onde você está. O prof. José Labareda, que é o chefe de seu departamento, está angustiado com receio que a sua família comece a notar uma demora muito grande de notícias suas e ele não sabe o que dizer. Eu disse que não tinha perigo porque minha família sabe que eu demoro para dar notícias, eles estão acostumados com este meu jeito e acho que não vai haver problemas.

Então, ele disse que ia conversar com o general Vinícius para ver a minha situação. Este general ficou tão assustado com o que ele viu na sala de tortura que disse:- liberem a moça. Mas ela não tem condições de permanecer no país. Aí o capitão médico explicou isto para o Prof. Labareda e este telefonou para a embaixada da França, porque um pouco antes eu tinha me submetido à um processo seletivo que era financiado pelo governo francês. O professor explicou toda a situação ao embaixador e o mesmo comunicou a um avião da Air France que passaria naquele dia a meia noite no Rio de Janeiro que iria embarcar uma moça e daí eu sairia logo do território nacional. Mas aí, perguntaram: - como é que fica a situação da família dela? E eu disse que era para avisá-los que fui direto para a Europa para cumprir meu preceito de bolsas de estudo, que isto meu pai já sabia.

Eu fui para Europa e fiquei lá até 1971, fiz meu mestrado na Universidade de Paris, concluí este mestrado em um ano de tanto que eu estudei, fiz um doutorado, que eu nunca considereei, sobre uns trabalhadores argelinos, marroquinos e tunisianos, que iam à França para se dedicarem a trabalhos que os franceses não queriam mais desenvolver. Fiz um estudo da vida deles, da situação deles, sediados na periferia de Paris, em condições de trabalho e condições de vida altamente discutíveis. E o que eu achei interesse é que, quando eu defendi esta tese, não tinha nenhum brasileiro na platéia. Só tinham estrangeiros e uma quantidade enorme de trabalhadores, argelinos, tunisianos e marroquinos, que foram assistir a defesa desta tese. E o meu orientador, prof. Michel Rochefort, depois das considerações dos membros da banca da Universidade de Paris, abriu o debate para a platéia, já que eles tinham sido alvos de estudo, para perguntarem o que quisessem a mim. E, por duas horas, eu respondi as perguntas dos trabalhadores, da minha visão e da minha maneira de interpretar a situação deles. Eles gostaram e me pediram que eu desse um exemplar da minha tese para cada um deles (argelinos, tunisianos e marroquinos). Mas como eu não tinha dinheiro, o Prof. Rochefort mandou rodar a tese para cada um deles.

E foi muito interessante este período. Inclusive teve uma vez, que tinha ido assistir aula do Prof. Rochefort, era uma segunda-feira, e o delegado Fleury estava na França; então que o professor me pôs dentro do carro dele e me levou para a polícia francesa e disse: - você só sai daí quando eu lhe chamar porque aquele delegado do seu país não é flor que se cheire. E eu disse: - não é mesmo, porque o que ele fez com outras pessoas, é um absurdo.

Depois disto eu voltei para nosso país em 1971, trabalhei para a Secretaria de Economia e Planejamento do Estado de São Paulo, até o início de 1977, quando eu resolvi voltar a fazer um doutorado, mas daí sobre o meu país, sobre o Estado Militar, como pano de fundo. Fiz a inscrição para a Pós-Graduação na USP e passei. Fui orientada pelo Prof. Manuel Fernando Gonçalves Seabra, esposo de Odete Seabra.

Eu ingressei na UNESP em 1978, fiz concurso para o campus de Presidente Prudente, porque eu não queria mais ficar na secretaria, pois achei que a academia me daria uma chance maior de discutir o que eu estava querendo, e foi o que eu fiz. No campus de Presidente Prudente, voltei a ser diretora da AGB, desta vez seção de Presidente Prudente.

Esse foi o período das grandes transformações, do projeto geográfico brasileiro, não somente dos rumos da ciência geográfica em si, quanto aos seus rumos e procedimentos metodológicos, que polarizou o encontro de Fortaleza de 1978, quando houve a ruptura no encaminhamento dos rumos da ciência geográfica, com o Prof. Milton Santos, recém chegado do exílio, além de outras pessoas, incluindo eu, que também era daquele grupo. Então, houve uma grande discussão, uma grande ruptura, muitas mágoas e muitas feridas que advieram daquele período de ruptura de 1978, porque foi muito violento. Eu considero que as pessoas se tratavam com muita agressividade. Eu me lembro que os meus colegas do IBGE foram tratados com uma rudeza e uma agressividade terríveis. E muitos ouviram o seguinte: - que eles haviam sido acobertados pelo poderio militar e não mereciam mais o nosso aval e nem o nosso respeito. E eu não entendia o porque daquilo estar acontecendo, pois eu tinha

muitos colegas no IBGE, inclusive envolvidos com a Geografia Quantitativa, mas eram profissionais muito sérios, muito dignos, muito decentes. Inclusive eles tinham suas famílias para sustentar, não podiam se dar ao luxo de dizer assim: - olha, eu não estou concordando com este projeto de trabalho e vou me demitir. E aí iam sobreviver de que, naquele período tão difícil? Eu compreendia a situação e também, para mim, ficou claro que como em toda e qualquer situação, existiram pessoas que se identificaram com o período militar e existiram outros também que não se identificavam com o poder e com o Estado Militar. Estavam ali, simplesmente realizando seu trabalho na condição de técnicos, de profissionais da Geografia.

Mas eu gostaria que você tivesse visto que coisa terrível o tratamento, as pessoas se perderam completamente em discutir, a sensibilidade, a solidariedade, a generosidade, os tratamentos foram de uma violência sem precedentes, de lado a lado, uma ruptura muito dolorosa que, a meu ver, deixou seqüelas até hoje. Eu sinto na fala de alguns colegas meus que, como me viram continuar com eles da mesma forma, no decorrer do tempo, conversaram longamente comigo sobre seus sentimentos, sobre suas mágoas, sobre seus desalentos, quando se viram tratados daquela maneira, sem quase ter chance de se defenderem.

E, a par disto, teve um período em que a AGB estava com uma estrutura extremamente extemporânea, muito rígida e os dias em que houve significativa mudança nos rumos da entidade, na sua estrutura organizacional, isto eu reconheço que sim. Como eu era diretora de Presidente Prudente, nós da "AGB de Prudente" resolvemos encaminhar um projeto de estatuto. De tal sorte que quando houve a discussão do estatuto, na assembléia eram duas propostas que apareceram, uma de Presidente Prudente e outra de São Paulo. Nas discussões que tiveram lugar, acredito que muitas coisas foram resgatadas do projeto de Presidente Prudente e outras tantas do projeto de São Paulo, mas foi uma discussão muito dolorosa, muito difícil, muito atribulada, nos mesmos moldes que se configurara a ruptura teórico-metodológica da ciência geográfica, no ano

precedente a Fortaleza. Foi uma ruptura, também extremamente violenta, eu me lembro que eu estava dirigindo os trabalhos, quando eu vi o Prof. Manuel Correia e o Prof. Araújo Filho se retirarem. Eram pessoas muito queridas minhas. O meu abalo, na hora que eu os vi saindo foi de tal modo, embora eu tivesse me controlado, que de repente eu senti uma violentíssima dor nas costas. Quando terminou aquela seção, eu fui ao médico e ele disse: - são seqüelas da sua tortura. Você precisa tomar cuidado, porque é uma pessoa exacerbadamente sensível, embora não pareça pela sua reserva, seu modo de ser e agora vai repercutir.

E não deu outra, logo depois da aprovação deste estatuto e como a direção da AGB, exatamente por estas questões, estava numa fase de transição, e quem se encontrava à testa da entidade era meu colega Armem Mamigonian, meu colega de Presidente Prudente, então havia a necessidade de cogitar uma eleição efetiva para a presidência da AGB. Isto teve lugar em dezembro de 1979, aqui mesmo em Goiânia, quando se reuniram vários representantes da AGB do país. Esta eleição se deu, surpreendentemente, não somente numa assembléia nacional da AGB, mas numa assembléia que teve lugar no âmbito do ENEG, que era o Encontro Nacional dos Estudantes de Geografia.

A assembléia geral da AGB, que me elegeu, efetivamente se deu no âmbito deste quadro de referência maior, aqui em Goiânia, em 1979. Eu renunciei a esta presidência em fevereiro, por conta da seqüela da minha tortura. Sendo que àquela altura, eu não tinha dito nada disso para ninguém. Ninguém sabia de nada disto que eu estou lhe dizendo. Eu me lembro da reunião que eu fui a São Paulo, para se discutir efetivamente a minha continuação ou não na AGB. A Arlete [Arlete Moisés Rodrigues] dizia assim para mim: - Bia, pelo amor de Deus, não renuncie. Foi efetivamente muito difícil encaminhar o processo político-eleitoral, colocando uma pessoa da nossa confiança com uma cabeça equilibrada na AGB, para você abdicar. A comunidade achou que era por conta das controvérsias, dos conflitos, das brigas, dos transtornos, que tinham lugar. Eu digo a você que não

era absolutamente isto, porque no decorrer da minha vida eu aprendi a conviver com as diferenças de opiniões, de pontos de vista. Como eu já fui agredida na vida, eu já estava muito habituada, sendo que eu nunca fui uma pessoa de receber uma agressão e agredir o outro, eu sempre fui muito silenciosa. Então, sorte que as pessoas não sabiam se eu tinha entendido ou não a agressão. E sabe, estes bate-bocas, estes conflitos terríveis, você diz para o outro, coisas das quais você poderá se arrepender mais tarde. É melhor você ficar quieta. Quem sabe um dia você consegue discutir com calma as questões com estas pessoas. Eu sempre fui muito desta linha. Não discutir com a pessoa com a cabeça quente e nem agredir o outro quando eu não estou gostando de alguma coisa, quando eu estiver com a cabeça quente. Fatalmente você vai deslizar e dizer coisas que depois você não gostará, assim, não disse nada, só disse que estava muito difícil o encaminhamento, que eu iria abdicar. Então, abdiquei. Mas eles nunca souberam a razão e julgaram, atribuíram que foram as brigas, os conflitos, as querelas, entre os pares, os que se opunham a mim, os que se incomodavam comigo. Mas isto faz parte do processo democrático. E eu, depois de tudo que eu passara, se eu não tivesse entendido isto, seria o caso de eu não ter aceitado a presidência da AGB. Mas o meu problema era outro, era problema de saúde e por isto eu renunciei. Mas não renunciei a direção de Presidente Prudente, que foi ali que eu terminei o meu mandato e depois fui para Rio Claro.

Em Rio Claro eu já estava praticamente com o meu doutorado brasileiro pronto, que defendi em 1983, em São Paulo, e aí fiquei muito mais envolvida, a partir daí com toda parte científica da Geografia, muita pesquisa, muitos orientados da graduação, da pós-graduação, aulas na graduação e na pós-graduação, muitas viagens pelo país todo, para participar de cerimônias de aberturas de semanas de estudos, para dar módulos de cursos de especialização, para ministrar palestras, mini-cursos ou cursos concentrados de curta duração, que esta ou aquela pós-graduação me solicitava. Eu acabei conhecendo a nação e não existe campus de universidade federal do nosso país, que eu não conheça. Conheço todos.

William Ribeiro da Silva: Por que da transferência para Rio Claro?

Beatriz Soares Pontes: Porque o meu colega Antônio Olívio Serón, em função de uma cisão entre os geógrafos rioclarences, sendo este professor, um eminente geógrafo agrário, resolveu fundar um outro departamento, que era o Departamento de Planejamento Regional. Como ele tinha sabido que eu era especialista em planejamento urbano e regional, porque minha pós-graduação fora na Europa, nesta vertente, como ele sabia que eu tinha estudado com o Prof. Rochefort, o planejamento central socialista em Stalingrado, na ex-URSS, ele me convidou para compor o corpo docente do novo departamento recém instaurado por ele. Eu aceitei porque eu estaria mais próxima de minha família que morava em São Paulo. O motivo foi muito mais por eu optar por uma área que eu pudesse ficar próxima a minha família, porque este tempo todo, nunca mais voltei para casa, era uma chance de passar os finais de semana com os meus pais.

Aí fui para Rio Claro e passei a lecionar a disciplina de Planejamento Regional, embora eu tivesse dado umas incursões em Geografia Política e em Geopolítica também, ou então, na parte de Teoria da Geografia, esta parte epistemológica, que eu também sempre gostei muito. Permaneci ali praticamente 13 anos, quando um dia eu recebi um convite para dar um módulo de Planejamento Urbano em um curso de especialização na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E fui.

E na hora do almoço, os meus pais almoçando comigo e brincando, e uma das moças disse assim para mim: - Bia, se abrisse concurso aqui para a universidade, o que é bastante provável, porque tem uma quantidade expressiva de pessoas que vão se aposentar, você estaria inclinada a prestar concurso e entrar nesta universidade? Eu disse: - perfeitamente. O povo achou muito: - Imagina se você vai abdicar da Universidade Estadual Paulista, um dos carros chefes da opção científica nacional, a USP, a UNESP e a UNICAMP, para vir para uma universidade periférica. Para mim, o meu sonho dourado sempre foi trabalhar e servir a nação no nordeste brasileiro.

O meu sonho foi interrompido pelo o que me ocorreu na Universidade Federal da Paraíba, que eu não mais teria condições de trabalhar lá. Mas por incrível que pareça. Naquele momento em que fui convidada a fazer o concurso na UFRN, a Universidade Federal da Paraíba me manda uma carta, dizendo: - você está anistiada, a nação de direito devolve a vaga que legitimamente lhe pertence por concurso da UFPB, na qual se você quiser vir, será recebida de braços abertos. E eu tinha certeza que sim, porque eu sempre gostei muito daqueles colegas e nunca houve confusão. Entre eu e eles, havia um carinho muito grande. E aí o pessoal disse: - mas você vai deixar de voltar pro seu povo, pra fazer concurso em uma outra universidade? Eu disse: - mas é isto mesmo que você ouviu, não vou voltar mais para UFPB, embora ela esteja indelevelmente no meu coração. A tal ponto, que toda vez que eu coloco meu pé no Estado da Paraíba e, mais especificamente, em João Pessoa, eu não sei se você assistiu a aquele filme do 'Laurence da Arábia', com o Peter O'Toole. Então, tem uma hora que tem um tema que é o retorno ao acampamento de Alda, que para ele no meio do deserto era uma referência. E, para mim, toda vez que eu entro no Estado da Paraíba, eu penso comigo, eis Bia que você está retornando ao acampamento de Alda. Tal é a importância e peso, que aquele território do país exerce e tem na minha mente, no meu coração, é muito forte. Por tudo isto, eu disse, é um estado vizinho, eu visitarei a universidade, visitarei meus pares, conhecerei os recém chegados. Colaborarei com eles, aquilo que estiver ao meu alcance, como já tenho colaborado. Mas ensinar na Universidade da Paraíba, eu não quero mais. Isto é uma questão que envolve a memória e acontecimentos precedentes. Estou na Universidade Federal do Rio Grande do Norte desde 1992, e eu não pretendo abdicar até o momento que o Estado brasileiro me diga, pelas leis da nação, você tenha a bondade de se retirar que você já chegou à idade limite e aí a nação não pode mais recolhê-la como trabalhadora. Você pode fazer outra coisa por sua conta, mas institucionalmente não vai ser mais possível. Eu me sinto no auge da minha carreira, da minha maturidade intelectual e científica. Tenho um conjunto expressivo de jovens que estão sob minha orientação na

graduação e na pós-graduação. Não somente na UFRN, mas eu também faço parte do Programa de Doutorado e de Mestrado das Ciências Sociais de lá e da UFPE, que também é uma universidade que tenho um carinho imenso e sou ali recebida também com um carinho imenso. Tenho uma ala de colegas que me querem muito bem e eu também. Estes laços afetivos não me inclinam de abdicar de trabalhar nestas áreas em hipótese alguma. Agora, o vice-governador disse assim: - e aí? A gente está aguardando você no segundo semestre para dar uma disciplina na pós-graduação.

Então eu confesso para você que estou como eu quero. Com a base de pesquisa que eu fundei - a Base de Pesquisa Espaço e Poder. Dentro de um núcleo que eu fundei - o Núcleo de Estudos Geopolíticos. Eu consegui o meu espaço, o espaço físico até, dentro da universidade, trabalho com os meus bolsistas em duas linhas científicas, uma visando questões urbanas e outra visando questões ambientais. Mas muito sem perder a tônica das questões políticas e geopolíticas. E as pesquisas estão em plena efervescência, com produções de artigos em periódicos, como resultados dos processos paulatinos das pesquisas. Os bolsistas são uns rapazes excelentes. Existe uma sintonia, um entrosamento muito grande, inclusive estas pessoas não simplesmente meus alunos, são meus amigos pessoais. São amizades para a vida toda. Ninguém está mais lembrando que um é mais velho e outro é mais novo. O que está em pauta é a nossa grande amizade, a nossa sintonia, vendo o que a gente pode construir juntos. E agora eu estou lá, como eu sempre quis, voltei para o nordeste brasileiro, que era meu sonho dourado. Nordeste desta vez, sobre o manto do Estado de Direito, eu digo o que eu quero, ressalto o que eu penso, eu nunca fui estorvada, nunca ninguém me machucou nem física e nem moralmente. Nem do ponto de vista intelectual, pelo o que eu me propunha a defender. Como cidadã brasileira e como geógrafa deste país.

É o que mais estou preocupada agora, é que os nossos rumos tenham um sentido de um maior amadurecimento democrático e maior aprofundamento do que significa Estado de Direito. Acho que nós brasileiros temos que trabalhar ainda muito nesta vertente, no sentido

de uma maturidade democrática. Como eu vi em outras áreas do mundo que eu visitei e que me impressionaram profundamente. Por que nesta vertente a ciência geográfica tem muito a dar. Então, eu pela terceira vez na minha vida sou diretora da seção local da AGB, agora de Natal, e desenvolvo um projeto programático. Com a mesma ousadia que em João Pessoa, mas os tempos são outros, estamos no século XXI e ninguém mais me estorva e me grita ordens, eu discuto o que eu bem entender, eu tenho o aval da AGB e do departamento, da coordenação da pós-graduação e tenho o consórcio dos meus alunos. A Valéria (que é minha colega de quarto aqui, é da UFPB, e se dedica à Geografia Agrária) disse que está estudando aquele geógrafo russo, o Kropotkin que foi um revolucionário na sua vida juntamente com Elisée Reclus. E eu já combinei com ela para ela ir lá, dar uma palestra só sobre este geógrafo. Gosto assim de coisas que efetivamente instiguem, que sugiram debate e discussão, mas uma discussão civilizada. Eu não suporto falta de respeito e consideração, ausência de civilidade e de elegância no trato com o colega. O colega pode ser um geógrafo quantitativo, positivista, eu sou uma pessoa que sempre me envolvi com projeto dialético. Eu posso não concordar com alguém, mas o que eu aprendi é que é preciso ter respeito e consideração e em lugar de eu ficar violenta, eu aprendi no Estado Militar, a lição de Che Guevara, "há que se enrijecer, mas perder a ternura jamais". É a referência de toda minha trajetória.

William Ribeiro da Silva: A senhora possui uma considerável produção no campo da Geografia Urbana, destacando atenção para a discussão das cidades médias. Como foi a aproximação com esta temática?

Betritz Soares Pontes: Este foi um outro momento extremamente delicado e difícil, foi quando eu trabalhava na Secretaria de Economia e Planejamento, no Estado Militar. Naquela altura dos acontecimentos, queria incrementar a Política Nacional de Desenvolvimento Urbano, no contexto do Plano de Integração do

Território Nacional. Quem era a coordenadora de ação regional da Secretaria de Economia e Planejamento naquela altura dos acontecimentos na década de 70, era minha colega Maria Adélia Aparecida de Souza, outra geógrafa brasileira, muito conhecida neste país. Uma pessoa muito competente na esfera do planejamento urbano e regional e em outras áreas geográficas também. Ela me chamou e ressaltou o seguinte: - Beatriz eu gostaria que você se ocupasse do programa de cidades médias porque não somente haverá o programa nacional de cidades médias, como também descendo em níveis menores nós teremos os programas estaduais de cidades médias. Então você vai primeiro fazer um estudo circunstanciado, fazer um diagnóstico da rede urbana do Estado no sentido de identificar através de critérios científicos que você e sua equipe irão estabelecer e definir, quais as cidades médias que farão parte do Programa Estadual das Cidades Médias do nosso Estado [Estado de São Paulo]. Entretanto, eu considero importante que você vá até a Comissão Nacional de Regiões Metropolitanas e Política Urbana, porque é ela que está coordenando o Programa Nacional de Cidades Médias e o nosso objetivo é conclamar os técnicos de todo país e eles vão se reunir lá na comissão nacional para discutir a questão das cidades médias e aí visualizando a nação como um todo.

Eu fui à Brasília e neste encontro, com a comunidade técnico-científica presente, representando todas as áreas do país, se chegou à conclusão que nós não poderíamos eleger um só conceito de cidade média, porque a heterogeneidade e a multiplicidade de situações atestadas e identificadas no contexto nacional e mesmo no quadro de referência da rede urbana àquela época não nos dava de maneira nenhuma condições de estabelecer um só conceito e que este conceito teria que ser muito mais flexível e que nós teríamos que encontrar, dependendo da região brasileira considerada, um conceito que melhor se identificava às condições explícitas daquela área do país.

Aconteceu que nesta discussão trabalhamos o referencial teórico-metodológico que daria suporte ao programa, não apenas nacional das cidades médias, mas a seqüência dos planos estaduais.

Estabeleceu-se uma discussão acaloradíssima, no seio da Comissão Nacional de Regiões Metropolitanas e de Política Urbana, porque a comunidade militar naquele momento já havia eleito, como suporte teórico para o plano de integração nacional, a compatibilização das teorias econômicas espaciais positivistas: a teoria da polarização, a teoria dos lugares centrais e a teoria de propagação das ondas de inovações. Então, a comunidade presente de geógrafos e não geógrafos, pois havia técnicos que precediam de todas as áreas do país, nós fizemos entender aos técnicos da comissão nacional identificados pelo projeto militar, que aquele suporte teórico não era o mais indicado para o nosso país, para a compreensão da realidade nacional, uma vez que se tratava de três teorias econômicas espaciais, importadas, que haviam sido gestadas dentro de quadros territoriais completamente diferentes do território nacional e, conseqüentemente, se nós as habilitássemos, elas teriam que ser revisitadas e redimensionadas e, ainda assim, elas não iriam apreender, na condição positivista delas, determinadas minúcias da sócio-economia de nosso país, que ficariam de fora de uma análise mais detida de nossa situação.

Não houve possibilidade de acordo, o Estado Militar fez valer sua autoridade e nos impôs autoritariamente, de cima para baixo, o projeto teórico da compatibilização das três teorias econômicas espaciais. Eu bem relatei a Adélia tudo o que ocorrera e ela disse que não nos restava outra alternativa, senão obedecê-la: - você passa toda noite nos estudos em cima das três teorias. E foi o que nós fizemos, eu elegi juntamente com nossa equipe, 40 cidades, depois de vários critérios que nós estabelecemos e que eles estão consignados num livro que Encarnação [Maria Encarnação Beltrão Sposito] coordenou²; o meu trabalho e o dela são os últimos do livro e ela me pediu: - Bia, eu quero que você discuta que critérios foram estes, inclusive o debate positivista na esfera teórico-metodológica que teve guarida naquela altura dos anos 70, por conta da não concordância

² SPOSITO, M. E. B. (org.). *Urbanização e cidades: perspectivas geográficas*. Presidente Prudente: s.n., 2001.

dos técnicos do quadro de referência militar. Então, neste artigo, eu faço um resgate do projeto positivista, os debates que ocorreram no âmbito daquele projeto positivista que eu nunca pude concordar com ele, porque eu achava que a gente deveria discutir isto sobre a ótica da divisão social e territorial do trabalho. Teríamos uma visão muito melhor deste nível intermediário da rede urbana, mas isto eu só pude discutir muito tempo mais tarde, que é o que eu agora estou trabalhando. O que eu não pude fazer porque eu estava aprisionada num projeto que era do Estado brasileiro, eu não poderia contestar, eu agora, dentro da universidade, estou discutindo a questão, dentro da ótica teórico-metodológica que eu aposto e acredito, mais explicitamente, para o Estado do Rio Grande do Norte, mas dilatando para o nordeste como um todo. Em resumo, destes novos propósitos, eu encaminhei no Simpósio Nacional de Geografia Urbana, em novembro do ano passado, que foi em Recife, um trabalho sobre os estudos de hierarquia urbana.

Do quadro capitalista atual, pelo sistema de acumulação flexível, que faz com que a estrutura econômica tenha mudado relevantemente e as razões que norteiam mudanças na hierarquia urbana não são mais aquelas amplamente diligenciadas, estudadas e apontadas dentro daquele projeto funcional positivista, que tem sua razão de ser em estudos precedentes, mas que hoje demandam uma abordagem muito mais criteriosa que eu acho que dentro da ótica da divisão técnico, social e territorial do trabalho resolvem melhor. Mas você sempre vendo a relação local-global, porque no âmbito desta relação às hierarquias se rompem quanto às suas explicações precedentes, porque de repente a lógica da globalização intervém num lugar e muda a razão de ser da hierarquia, até mesmo numa cidade pequena dentro da rede. Assim, eu estou percebendo, para o nordeste brasileiro, que há mudanças substanciais, isto sob a ótica de uma pesquisa de campo meticulosa que estamos fazendo. Inclusive porque, o terciário mudou muito, ele se diversificou, ele tem outros patamares, o que requer um estudo mais meticuloso ainda deste aspecto, porque ele emerge muito nas cidades ditas médias do nordeste brasileiro, que não podem ser as cidades médias entendidas

por Encarnação, que as estuda no Estado de São Paulo, é um outro quadro de referência. E agente precisa voltar a discutir, porque estou percebendo aqui e ali, por algumas falas suas que as questões teórico-metodológicas e as pesquisas de campo estão identificando muitas coisas diferentes na elucidação atual das mudanças que se operam na rede urbana do nordeste brasileiro.

Mas a pesquisa está em andamento, eu tenho apenas algumas respostas parciais, mas eu acredito que até o início do ano que vêm ela esteja concluída para o Estado do Rio Grande do Norte e, a partir desta visão mais ampla, a gente possa tirar algumas considerações de maior seriedade científica. Eu acho que uma conclusão assim é um pouco arriscada porque a dinâmica econômica vai muito célere, e se você toma atitudes muito conclusivas na ciência corre o risco de fechar situações que estão em movimento e que estão em andamento, que precisam ser escutadas e observadas na seqüência. Então, eu tenho a pretensão de trazer considerações dentro de um quadro de referência histórico, mas acredito que haverá continuações que mudarão ainda mais este perfil, dado o ritmo acelerado que eu tenho percebido das coisas se transformarem, mesmo num Estado problemático, como é o Estado do Rio Grande do Norte, com desigualdades contundentes quanto a sua sócio-economia.

William Ribeiro da Silva: As cidades médias possuem, na rede urbana, um papel articulador muito importante. Atualmente se tem uma transposição de relações gestadas nas metrópoles para as cidades médias, que passam a apresentar problemas sociais como violência, desemprego etc. Como a senhora detecta este processo?

Beatriz Soares Pontes: Importante questão, que já tive a oportunidade de discutir numa mesa redonda que fizemos parte exatamente no Encontro Nacional de João Pessoa, em 2002. Esta questão foi colocada pelo nosso colega Saint Clair [Saint-Clair Cordeiro da Trindade Júnior], da Universidade Federal do Pará, ele dirigindo-se a mesa na qual estávamos eu, e Beatriz Ribeiro Soares, que estuda cidades médias e pequenas, ela é da Federal de

Uberlândia. Ele quis saber da mesa, se efetivamente nós que estudávamos esta questão em áreas tão diferentes da nação, se nós poderíamos identificar dentro de uma perspectiva mais ampla a realização ou visualização destes problemas nestas cidades médias. Tanto fossem no centro-oeste do país, quanto do nordeste ou do sudeste, e a resposta que ele teve foi de unanimidade. Efetivamente, as cidades médias do centro-oeste brasileiro, como do nordeste, como do sul e do sudeste, estão apresentando já problemas seríssimos de segurança, problemas de violência sem precedentes, crimes bárbaros, dos mais variados tipos que você possa imaginar, problemas de narcotráfico, problemas de assassinatos de pessoas jovens, assaltos de mão armada, crimes de latrocínio, invasões de residências, roubos a bancos, roubos de agressão no meio da rua, todas as modalidades de violência, que se identificam nas regiões metropolitanas. Todos foram unânimes de identificar também nas cidades médias e, também nós identificamos na seqüência das perguntas formuladas pelo Saint Clair, um empobrecimento também destas cidades médias, sobretudo, quando você se desloca para as periferias delas. Esta pergunta, especificamente, ele endereçou a mim. Ele disse: - Beatriz, você nota por ventura nos estudos que tem realizado, sobre as cidades médias nordestinas, um empobrecimento da população, dentro de uma perspectiva mais ampla? Eu disse: - noto, dentro desta perspectiva mais ampla, que aumenta à medida que você se aproxima das periferias urbanas, e veja bem, não necessariamente das periferias que estão na periferia, mas há periferias identificadas no centro, bolsões de miséria no próprio centro da cidade. Você tem efetivamente um empobrecimento proporcional da população como um todo, a situação majoritária da população que vive dentro de um ritmo orçamentário rigoroso e a pessoa fica aprisionada a um ritmo reduzido do seu orçamento e outros, efetivamente, já não têm mais como consumir porque não tem mais de onde tirar, então, é a miséria absoluta. Já se vê pessoas aquém da sobrevivência.

Eu vejo isto entre os meus pares, dentro do quadro de referência dos professores universitários, eu vejo claro, uma perda na questão

da renda. Esta questão não me pega de jeito porque sou solteira e não tenho compromissos familiares como uma pessoa que tem filhos e tem que dar educação para a infância, a adolescência ou a juventude, mas, de repente, tem alunos meus que são tão pobres que eu faço o papel de mãe deles e banco algumas coisas deles. Eu, inclusive, aluguei um apartamento para um deles e dou para ele como se fosse uma bolsa, porque o menino não tinha onde cair morto, ele chegou para mim e disse: - a minha família tem uma renda de 300 reais, meu pai foi embora e deixou minha mãe; ela foi despejada, está morando com uma amiga dela. Eu tenho uma reserva no banco que vou dar para minha mãe, porque ela não tem nada. E eu vou trancar minha matrícula. Ele é meu orientando do bacharelado e da pós-graduação e é altamente talentoso. Aí tive uma conversa séria e criteriosa com ele, mas ele não acreditou no que eu ia fazer. Eu estava muito assoberbada nos meus trabalhos, mas tirei um sábado de manhã, para procurar uma quitinete decente pro menino, porque não ia colocar ele num lugar qualquer. Porque aí, ao invés dele se tornar um cidadão decente, pode até se tornar um elemento duvidoso, de tanto mau exemplo ao redor. Eu estava com o telefone da residência estudantil e o chamei para ver o apartamento que eu achei. O olho do menino brilhava como se fosse a estrela e começou a se marejar de lágrimas. E ele disse: - professora, eu não me lembro de ter pousado minha cabeça em um lugar como este aqui. Aí eu disse: - então vamos providenciar que este cantinho aqui é seu. Faça o favor de estudar, você é muito jovem e precisa estudar, e deixa o resto por minha conta. Imagina se eu deixaria um talento daqueles, um menino promissor, o menino é de tirar dez, direto, não é só comigo não, como outros colegas também. Ele faz o bacharelado e o primeiro ano do mestrado, imagina o menino tem que ser muito bom para a cabeça dar conta do recado.

William Ribeiro da Silva: No estado atual da economia, com os processos da globalização, que se refletem no empobrecimento de boa parte da população, conforme afirmou anteriormente, o

rebatimento, no caso das cidades médias, é diferente do sentido nas metrópoles ou nas cidades pequenas?

Beatriz Soares Pontes: Eu acho que no conteúdo, na raiz, não haja diferença, há na proporção, no tamanho. Porque no princípio você vê que dado ao fato da região metropolitana ser uma região mais ampla, de grande densidade populacional, a multiplicidade de problemas é maior, agora, a raiz dos problemas é a mesma. Porém, a intensidade muda, por conta do porte das cidades que você está se remetendo. Como a população é menor, os problemas têm suas raízes similares, mas no meu entendimento, em proporções mais atenuadas, porque o contingente populacional é menor.

Mas eu sinto que a economia globalizada está fazendo estragos sem precedentes, inclusive quando você desce ao nível das cidades pequenas nordestinas, que estão de tal ordem que você se pergunta como é que elas sobreviverão. Mas a par disto, existem outras cidades pequenas que estão vivendo uma outra era, por conta de uma série de condições diferenciadas. Por exemplo, é o caso de Esperança, na Paraíba. Tinha uma senhora ali que sabia fazer muito bem bonecas de pano, aí um dia resolveu fazer um número maior de bonecas de pano e começou a vender, quando as pessoas dali da própria cidade começaram a fazer um monte de bonecas e começaram a vender para fora da cidade. Hoje existe uma cooperativa que elas têm seu diálogo diretamente com o exterior, não passa mais por Campina Grande, nem por João Pessoa, as encomendas são feitas diretamente entre elas e o exterior. Contrataram até um intérprete trilingüe - francês, inglês, português, por conta das transações que são feitas. Você não pode imaginar como a situação econômica daquela população mudou radicalmente por conta deste tipo de encaminhamento. Você vê uma cidade pequena que estava estagnada, tem outro ânimo, outro alento, outro ritmo, que se configura. E tem outras cidades nordestinas que vem se redimensionando, cidades pequenas, por conta destes fenômenos que estão acontecendo. Rompe-se com a estrutura tradicional da rede, que a diferenciam de outras cidades pequenas estagnadas. Você tem

que se perguntar qual a alternativa de saída para elas. Então, tem muita coisa se modificando no território, eu acho isto, sinceramente.

William Ribeiro Silva: Então acho que a gente pode parar por aqui.

Beatriz Soares Pontes: É, porque o falatório não foi de pouca monta!

William Ribeiro da Silva: Eu gostaria mais uma vez de agradecer à senhora por toda atenção, nesta entrevista tão elucidativa. Penso que senhora colocou pontos de forma bastante didática para serem entendidas e para serem pensadas, entre os fatos destacados. Gostaria de repetir novamente os agradecimentos.

Beatriz Soares Pontes: Está muito bem.